

REVIRANDO OS ESCOMBROS: O ESVAZIAMENTO DA EXPERIÊNCIA TRANSMISSÍVEL, O DESENCONTRO COM O REAL E A ASCENSÃO DO HORROR

FABRÍCIO PAIVA ARAÚJO

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
fabriciopaiva@yahoo.com.br

RESUMO

A contribuição aqui proposta aborda assuntos relevantes que explanam a relação entre memória e testemunho, no que diz respeito, as suas verdades factuais e subjetivas, ou seja, o discurso do real em confronto com o discurso fruto dos anseios e da imaginação humana. Consequentemente, investiga-se o horror inenarrável experienciado pela vítima confinada em Auschwitz. O objetivo é entender como a experiência do horror é representada na obra *É Isto um Homem?* de Primo Levi, judeu italiano, químico, escritor e sobrevivente do Holocausto.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Trauma, Testemunho, Sobrevivente, Campo de Concentração, Auschwitz.

ROLLING THE WRECKAGE: THE EMPTINESS OF THE TRANSMISSIBLE EXPERIENCE, THE MISMATCH WITH THE REAL AND THE RAISE OF HORROR

ABSTRACT

The contribution here proposed addresses relevant issues to explain the relationship between memory and testimony, which is concerned with its factual and subjective truths, that is, the discourse of the real in confrontation with the discourse resulted from the human desires and imagination. Consequently, it investigates the unutterable horror experienced by the victim confined in Auschwitz. The objective is to understand how the experience of horror is represented in the work, *If This Is a Man*, by Primo Levi, Italian Jew, chemist, writer and survivor of the extermination camp in Auschwitz.

KEYWORDS: Memory, Trauma, Testimony, Survivor, Concentration Camp, Auschwitz.

1. INTRODUÇÃO

Apesar da tentativa do regime opressor nazista em ocultar a barbárie que se culminou nos campos de extermínio da Segunda Guerra Mundial, os judeus que sobreviveram à então chamada “solução final” (*Endlösung*) se esforçam para não deixar suas memórias traumáticas caírem no esquecimento. Através de narrativas orais e escritas, esses sobreviventes procuram registrar suas memórias e revelar em seus testemunhos a verdade da catástrofe a que foram submetidos. Ao retomar os fatos passados e discutir a representação de suas experiências, acende-se um desejo, na mente e no coração do sobrevivente, em legitimar a própria existência para que a construção de um futuro seja possível

e traga sentido à vida. Ao testemunhar, a influência do passado sobre o presente se torna evidente na recordação e composição da narrativa do sobrevivente. Surge, portanto, a necessidade de uma reflexão crítica a respeito das experiências vividas pelo habitante encarcerado no campo de extermínio. Reflexão, esta, que transcende os conhecimentos meramente históricos, para englobar e dimensionar toda uma transdisciplinaridade de conhecimentos presentes nos estudos culturais e literários.

Portanto, a construção da memória, a escolha daquilo que se quer lembrar e, progressivamente, renovar e refazer o mundo ao seu redor, se torna para o sobrevivente do Campo uma rotina e um fardo. A angústia em ter que constantemente lidar com o que é preciso recordar, transmitir e preservar é confrontada com a responsabilidade de saber o que precisa ser descartado, esquecido e anulado. A transmissão oral das experiências vividas e o relato escrito dessas experiências surgem para suprir a necessidade de resgatar o passado e conservar o testemunho. Por isso, a memória sendo ligada à questão da linguagem – memória falada e escrita – se torna um enigma a ser estudado. Sendo assim, a contribuição aqui proposta aborda assuntos relevantes que explanam a relação entre memória e testemunho, no que diz respeito às suas verdades factuais e subjetivas, ou seja, ao discurso do real em confronto com o discurso fruto dos anseios e da imaginação humana. O objetivo principal é investigar como a experiência do horror é representada na obra *É Isto um Homem?* de Primo Levi, judeu italiano e sobrevivente do Campo de Extermínio em Auschwitz.

2. TESTEMUNHAR O HORROR E O INENARRÁVEL

É justamente pela impossibilidade de narrar o horror, que o ato de narrar se torna algo imprescindível para aqueles cuja memória atormentada escapa à consciência e cujos pesadelos constantes se tornaram um hábito. Narrar experiências psicológicas muito agressivas é um exercício árduo e complexo, principalmente porque algumas de suas principais características trazem o cunho da denúncia e o desejo de exorcizar a dor. As lembranças geradas no ato de narrar o trauma e expor o testemunho despertam pensamentos violentos e trazem à tona experiências que a vítima gostaria de poder não lembrar. E mesmo não havendo palavras suficientes para descrever o horror, narra-se, insistentemente, para não esquecer o passado, para lutar em prol da vida presente e futura. Narra-se para facilitar o acesso às questões pertinentes à alma humana. É exatamente esse acúmulo de traumas e choques sucessivos que induz o sobrevivente a especular e desenvolver uma nova maneira de narrar. Primo Levi, sem diferenciar-se muito de outras narrativas de sobreviventes da Shoah, assim o faz. Ele constrói sua obra não apenas como um objeto de denúncia, mas também a trata como um documento disponível, um

instrumento de fácil acesso para que se saiba mais sobre a espécie humana e sobre o que o homem é capaz de fazer ao próprio homem. No prefácio de *É isto um homem?* ele afirma:

Este meu livro, portanto, nada acrescenta, quanto ao que já é bem conhecido dos leitores de todo o mundo com referência ao tema doloroso dos campos de extermínio. Ele não foi escrito para fazer novas denúncias; poderá, antes, fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana (Levi 1988: 7).

Para grande parte dos sobreviventes do *Lager* (campo de concentração), narrar é, além de outras questões, transpor as barreiras construídas pela experiência vivida em Auschwitz, que inconscientemente os cercam e insistem em aprisionar suas mentes. De certa forma, ao testemunhar, ao compor suas narrativas, o sobrevivente também pratica um exercício terapêutico. Esse exercício ajuda o traumatizado a se expressar como bem lhe convier, a superar a ferida da prisão mental e gritar pelo direito do poder dizer. Porém, decifrar os acontecimentos do passado e fazê-los verdadeiros no presente, uma vez que é impossível retornar ao passado para averiguar os fatos, é um exercício difícil e que carrega elementos cheios de suspeitas. Segundo Seligmann-Silva, “o trauma encontra na imaginação um meio para sua narração” (2008: 70). Essa narração imaginada, fruto do trauma, possibilita promover uma profunda e fecunda relação com o mundo, pois “o testemunho também é um momento de tentativa de reunir os fragmentos dando um nexos e um contexto aos mesmos” (Seligmann-Silva 2005: 85). Esse processo de aprendizado, de relação que se tem com o mundo, ajuda o sobrevivente a colocar sob suspensão os hábitos e a inércia para ampliar o mundo da experiência de vida. É na não esterilização da imaginação que se acha a liberdade. É preciso afirmar novas possibilidades que gerem uma autonomia imaginadora de experimentação do limite. A experiência do limite, através da capacidade humana de imaginar, é fator fundamental para agir eticamente. O sobrevivente não é e nem nunca será o outro, mas ele pode se imaginar no espaço que o outro ocupa para enxergar o mundo com outros olhos. O medo de não querer testemunhar e o medo de errar esterilizam a imaginação. A reinvenção da vida, portanto, se acha na autonomia de inventar novos mundos, possíveis ou impossíveis, mas mundos que pertencem ao seu criador.

Ser livre, porém, não significa ser redimido. A testemunha do evento traumático apropria-se da narrativa para sobreviver. O testemunho torna-se a condição da sobrevivência. Assim afirma Levi: “A necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares” (Levi 1988: 7). Em muitos casos, aquele que sofre o trauma anseia por testemunhar, existe no sobrevivente do trauma uma necessidade de exorcizar os “demônios” que atormentam sua mente e sufocam sua alma. O ato de narrar o testemunho funciona como uma espécie de

medicina para a mente e ajuda o sobrevivente a se desvencilhar, ainda que por um curto momento, da dor do trauma. Ao expor os tormentos fruto do trauma, o fardo que se carrega, gerado pela experiência catastrófica, aparenta certa leveza e faz a sobrevivida persistir por algum tempo a mais. Embora não remido, o sobrevivente imagina-se livre. Cria-se, assim, um desejo, e uma nova condição para viver, ressurgem dos restos sombrios de Auschwitz.

Nesse sentido, Stephen Mayer nos explica que o Holocausto foi um evento tão absurdo, que afetou não apenas o estado físico dos prisioneiros, mas também a memória de seus sobreviventes. Muitos dos que conseguiram escapar de Auschwitz não foram capazes de transmitir o que de fato aconteceu no Campo, outros ficaram completamente incapazes de falar qualquer coisa a respeito das experiências traumáticas que os hostilizou e os dominou durante o período de reclusão no *Lager*.

O medo de que o destino os atacasse novamente foi fundamental para a memória de seus traumas e para incapacitá-los de falar sobre eles. O trauma foi um evento fora da realidade normal, sem começo e sem fim, e, portanto, sempre presente e indomável. E assim o imperativo de dizer foi inibido pela impossibilidade de contar. Mesmo se fosse possível dizer, aqueles dispostos a ouvir podiam estar simplesmente curiosos ou, pior ainda, podiam ter um certo prazer grotesco nas revelações de sofrimento e degradação humana. Longe de oferecer uma catarse ou cura de suas feridas psicológicas profundas, relacionar suas experiências pode, como temiam, simplesmente fazer reviver o horror – como aconteceu com alguns. (Mayer 1998)¹

Mesmo revivendo todo o horror das consequências catastróficas geradas pela guerra, da crise existencial fruto do confinamento no *Lager* e do confronto da consciência imposto pelo tratamento anti-humano da Alemanha nazista, Levi insiste, mediante incertezas, em revelar seu testemunho. Como ele afirma: “Hoje – neste hoje verdadeiro, enquanto estou sentado frente a uma mesa, escrevendo – hoje eu mesmo não estou certo de que esses fatos tenham realmente acontecido” (Levi 1988: 152). O que nos parece é que as funções psíquicas de Levi estão alteradas. Confuso, ele se perde no tempo e no espaço ao tentar relacionar o “hoje verdadeiro”, decifrar suas lembranças traumáticas e afirmar a verdade dos fatos que tenta narrar.

O querer não dizer, o querer não lembrar e exterminar de vez as memórias que se quer esquecer é um esforço comum do sobrevivente do trauma. Mas nem sempre é possível esquecer as lembranças que não mais queremos

¹ No original em inglês: “A fear that fate would strike again was central to the memory of their trauma and their inability to talk about it. The trauma was an event outside normal reality, with no beginning and no end, and thus ever present and unmasterable. And so the imperative to tell was inhibited by the impossibility of telling. Even if it were possible to tell, those willing to hear might be simply curious or, worse still, might take a certain grotesque pleasure in the revelations of human degradation and suffering. Far from providing a catharsis or healing their deep psychological wounds, relating their experiences might, they feared, simply revive the horror--as for some it did”.

recordar, pois o desejo do esquecimento se mistura com as imagens latentes dos fatos do passado. O sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard nos mostra que “o esquecimento da exterminação faz parte da exterminação, pois o é também da memória, da história, do social, etc. Esse esquecimento é tão essencial como o acontecimento, de qualquer modo impossível de encontrar para nós, inacessível na sua verdade” (BAUDRILLARD 1991: 67). Mesmo com a impossibilidade de acesso à verdade do acontecimento e do esquecimento, mesmo com as incertezas geradas na mente e a insuficiência do poder lembrar com exatidão, o valor testemunhal se estabelece para aferir os fatos do passado. Adorno nos lembra que “o excesso de sofrimento real não permite esquecimento” (ADORNO 1973: 64). De certa forma, a verdade dos acontecimentos dolorosos permanece na memória da vítima e é produzida pelo poder da cultura que lhe é imposto. Portanto, a obtenção da verdade se torna um legado cultural. O filósofo francês Michael Foucault, ao denotar a questão da verdade, explana o seguinte:

A verdade não existe fora do poder ou sem o poder [...] ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (Foucault 1977: 10)

Foucault nos mostra que, no meio social em que vivemos, a verdade é construída, instituída e imposta. A dúvida que atormenta a mente de Levi, em relação ao que ele viveu no Campo, pode também estar relacionada com a imposição da construção da verdade. Essa imposição pode sugerir uma possível interpretação da obra de Levi, onde ele, inconscientemente, apenas revela aquilo que é socialmente possível digerir, ainda que traumático. As palavras lhe faltam para revelar e narrar a experiência do trauma com exatidão. Diversos relatos e testemunhos de sobreviventes de Auschwitz, inclusive o testemunho de Levi, nos mostra que é comum entre os prisioneiros, concordar que somente aqueles que sobreviveram a Auschwitz realmente entendem, ou entenderam, o que se passou no Campo. Os observadores, os do lado de fora do Campo, ainda que analisem seus testemunhos, nunca poderão, de fato, compreender o terror que os sobreviventes testemunharam. Mesmo assim, para Levi, a verdadeira testemunha está muda ou inacessível, e apesar de haver limitações na linguagem para narrar seu testemunho, Levi afirma: “a história do *Lager* foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam seu fundo. Quem o fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão” (Levi 1990: 5). A verdade do relato testemunhal será sempre alvo de questionamentos, mas o que importa é que Levi, assim como muitos outros sobreviventes, não se rendeu ao silêncio,

não se calou em favor das atrocidades sofridas no Campo. Mesmo com toda insuficiência da linguagem para relatar o horror, sua narrativa nos mostra que é no revelar da história, na perspectiva do vencido, que a existência do indizível e do inacreditável se revela. Para Benjamin, a história deve ser “escovada a contrapelo” (Benjamin 2000: 225), ou seja, ir contra a tradição conformista dos ditos vencedores. É preciso estar atento ao valor das contradições dos fatos narrados pelo dominado e confrontá-los com as possíveis incoerências e falsidades dos relatos do dominante. Só assim, quebrando a empatia com o vencedor, a história dos vencidos reflorescerá.

A relação entre a linguagem e o real no relato testemunhal pós Auschwitz alcança dimensões espantosas. A intensidade do horror, das tristezas e angústias nos vocábulos usados para relatar a experiência do confinamento no Campo, transcende o conceito pós-moderno de literatura e nos leva a repensar as possibilidades que a literatura de testemunho demanda. O real passa a ser fruto da nossa capacidade de sentir, de aperceber, revelar e significar Auschwitz. Segundo Seligmann-Silva,

[...] na medida em que tratamos da literatura de testemunho escrita a partir de Auschwitz, a questão do trauma assume uma dimensão e uma intensidade inauditas. Ao pensar nesta literatura, redimensionamos a relação entre linguagem e o real: não podemos mais aceitar o vale-tudo dito pós-moderno que acreditou ter resolvido essa complexa questão ao firmar simplesmente que “tudo é literatura/ficção”. Ao pensarmos Auschwitz, fica claro que mais do que nunca a questão não está na existência ou não da “realidade”, mas da nossa capacidade de percebê-la e simbolizá-la (2003: 49-50).

Foucault nos explica que a construção da história se dá mediante diferentes funções: “memória, mito, transmissão da palavra e do exemplo, veículo da tradição, consciência crítica do presente, decifração do destino da humanidade, antecipação do futuro ou promessas de um retorno” (FOUCAULT 1990: 384). A história se estabelece através de uma série de conhecimentos e indagações a respeito da vida, adquiridos pela experiência e pela prática de cada indivíduo e também do coletivo, cujo foco é moldar e instituir a identidade de um povo, mostrando o que o homem é, o que ele fez e faz. Para o filósofo,

[...] a história é o modo de ser fundamental das empiricidades, aquilo a partir de que elas são afirmadas, postas, dispostas e repartidas no espaço do saber para eventuais conhecimentos e para ciências possíveis. [...] A história como se sabe, é efetivamente a região mais erudita, mais informada, mais desperta, mais atravancada talvez de nossa memória, mas é igualmente a base a partir da qual todos os seres ganham existência e chegam à sua cintilação precária (Foucault 1990: 233).

A história, a relação temporal entre o eu e o outro, assim como o processo de construção da memória, podem sofrer mudanças e diferentes conotações. A memória dialoga com as experimentações da vida, ela é a representação do ausente e está permeada de imaginação e mistérios. A história narrada carrega elementos próprios da ficção, como, por exemplo, a criação e a superstição,

portanto, ela revela os limites da verdade. Porém, isso não significa retirar a legitimidade dos múltiplos registros gerados pela experiência vivida por Levi em Auschwitz, mas reivindicar, “uma nova aliança com a verdade”, na tentativa de entender que “o verdadeiro engano está na promessa de autenticidade”. Como explica Seligmann-Silva:

Mais uma vez nos distanciamos, portanto, do discurso do verdadeiro e não por acaso na segunda metade do século XX passa-se a falar em um *real lacaniano* que não pode ser descrito ou capturado pela razão ou pela imaginação. Esse real é na verdade um herdeiro da noção de trauma, i.e. de uma memória que leva em si seu apagamento. Ou seja, se nas ciências, a verdade torna-se uma questão de acerto e erro, nas humanidades, a verdade é a inacessibilidade do real, que não é nada mais que essa transformação do conceito freudiano de trauma, como des-encontro com o real. (2013: 37)

Primo Levi, ao descrever em *É isto um homem?* a realidade no *Lager*, nos mostra essa discrepância e esse “des-encontro” com o real ao fazer a seguinte afirmação: “Parecia impossível que existisse realmente um mundo e um tempo, a não ser nosso mundo de lama e nosso tempo estéril e estagnado, para o qual já não conseguíamos imaginar um fim” (Levi 1988: 119). As experiências com eventos catastróficos são acentuadas por alucinações. A vítima do trauma constantemente carrega uma história sintomática e cheia de impossibilidades. “O horror da experiência histórica”, explica Caruth, “é mantido no testemunho apenas como uma memória ilusiva que se sente como se já não se assemelhasse a qualquer realidade. O horror é, de fato, convincente não só na sua realidade, mas ainda mais, na sua distorção flagrante e subversão da realidade” (Caruth 1995: 62). A grandeza e o absurdo do evento traumático ultrapassam a capacidade de imaginar o que de fato vivenciaram os prisioneiros do Campo. A insuficiência das palavras aponta para o indescritível e nos revela que o ser fruto do Campo, cujas circunstâncias improváveis permitiram-lhe escapar à morte, é vazio, triste e se abstém em responder às inquietações da alma. Ele é incerto e estranho ao mundo que o cerca. O trauma pode gerar outro “mundo” e outro “eu”, declara Levi, “quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo.” (Levi 1988: 25).

Desprovido de esperança, saúde mental e física, o testemunho de Levi é marcado por traumas irreparáveis. A experiência da tragédia pode ser delirante. O traumatizado fica desorientado e por isso perde a capacidade de formar juízos, deduzir e inferir a lógica. Ele se distancia da razão. Conforme aponta Seligmann-Silva:

A experiência traumática é, para Freud, aquela que não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre. (...) A linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que não foi submetido a uma forma no ato de sua recepção. Daí Freud destacar a repetição constante, alucinatória, por parte do “traumatizado” da cena violenta: a história do trauma é a história de um choque violento, mas também de um desencontro com o real (em grego, vale lembrar, “trauma” significa ferida). A incapacidade de simbolizar o choque (...)

determina a repetição e a constante posterioridade, ou seja, a volta *après-coup*² da cena. (2003: 48-49).

O prisioneiro que foi agredido no Campo lida rotineiramente com o sofrimento intenso e progressivo. É a partir de suas memórias traumáticas que ele se recompõe para afirmar ser o indivíduo que diz ser. É a memória que sustenta e constrói a identidade. Porém, a memória, segundo Le Goff, é “particularmente instável e maleável” (Le Goff 1994: 468). Para Levi, “a memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz” (Levi 2004: 19). Nossa identidade está sujeita a constantes mudanças fruto da corrosão do tempo e do esquecimento, mas, também, fruto do trauma, que é “caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa” (Seligmann-Silva 2008: 69). A identidade do prisioneiro do Campo é formada a partir do tormento, dos abusos inexplicáveis e daquilo em que não se acha mais esperança. Ao relembrar a crueldade no Campo, Levi aponta para a morte da alma e para a barbaridade do homem em relação ao seu próximo.

Viajamos até aqui nos vagões chumbados; vimos partir rumo ao nada nossas mulheres e nossas crianças; nós, feito escravos, marchamos cem vezes, ida e volta, para a nossa fadiga, apagados na alma antes que pela morte anônima. Não voltaremos. Ninguém deve sair daqui; poderia levar ao mundo, junto com a marca gravada na carne, a má nova daquilo que, em Auschwitz, o homem chegou a fazer ao homem. (Levi 1988: 55)

É através da linguagem que Levi acha forças para tentar representar o horror e materializar a dor, a agonia e o desespero vivido no Campo. Mesmo a linguagem sendo, segundo Foucault, “o lugar das revelações”, e ainda fazer “parte do espaço onde a verdade, ao mesmo tempo, se manifesta e se enuncia” (Foucault 2000: 50), o testemunho do sobrevivente do *Lager*, o testemunho da dor e do trauma, acontece justamente no permear do poder dizer e do poder não dizer. A representação dos relatos dos sobreviventes através de suas narrativas não deve ser confundida com a verdade, mas deve ser vista como uma revelação, uma mostra do que se tem na mente, uma exposição do que se pretende trazer à memória. Embora existam rastros e marcas da catástrofe, o acesso à verdade nem sempre é possível. Como afirma Levi, em se tratando de Auschwitz, não é possível confiar no próprio raciocínio:

Porque nos Campos perdem-se o hábito da esperança e até a confiança no próprio raciocínio. No Campo, pensar não serve para nada, porque os fatos acontecem, em geral, de maneira incompreensível; pensar é, também, um mal porque conserva viva uma

² Uma possível tradução para o termo *après-coup*, que na psicanálise carrega o sentido de resignificação, seria “depois do golpe”. O termo está presente na obra freudiana (*Nachträglichkeit*, em alemão), e foi desenvolvido por Jean Laplanche, por vezes traduzido como *a posteriori* ou, ainda, *só-depois*, em português (tradução defendida por Maia & Andrade). Maia, L., & Andrade, F. C. B. (2010), “*Nachträglichkeit*: leituras sobre o tempo na metapsicologia e na clínica”. *Estudos de Psicanálise*, 33, 75-90.

sensibilidade que é fonte de dor, enquanto uma clemente lei natural embota essa sensibilidade quando o sofrimento passa de certo limite. (Levi 1988: 251-252)

Jean Baudrillard nos mostra a insuficiência da linguagem para representar acontecimentos, ao afirmar que ainda nos falta “uma linguagem que esteja à altura de traduzir o estado atual das coisas”, que retribua condignamente “a situação completamente indeterminadas, aleatórias, flutuantes”. Para o filósofo, o que nos resta é “a linguagem da representação, que é a linguagem do sujeito – o que, aliás, é bom, ela é simbólica, ambivalente”.³ Portanto, a linguagem como representação do horror não é suficiente para abordar as atrocidades geradas no Campo. A verdade do terror vivido em Auschwitz é vista como, indescritível, inominável e irrepresentável, mas ganha status no fluxo caótico do devir através de sua ambivalência, ou seja, suas verdades factuais e subjetivas.

A violência testemunhada por Levi, assim como por outros sobreviventes da Shoah, não pode ser ignorada, suas narrativas podem ser vistas como documentos históricos fruto da barbárie. De acordo com Walter Benjamin, “nunca existiu um documento da cultura que não fosse ao mesmo tempo [documento] da barbárie” (Benjamin 2000: 225). Benjamin nos explica que a cultura pós Primeira Guerra Mundial, em toda a sua magnitude, assume o papel de testemunha da barbárie. Ademais, vivemos cercados de uma rotineira representação da violência. Somos obrigados a conviver com a violência, como se ela fosse o único dispositivo presente capaz de nos sensibilizar. Estamos ateados aos extremos da barbárie, ao choque que tanto nos incomoda, mas que também suprime a sensibilidade da mente e do coração. Esperamos a desgraça como parte da conciliação da vivência. Acostumamo-nos com as rotineiras e intermináveis imagens do trauma e da dor. Imagens que nos cativam inconscientemente e nos anestesiaram para que aos poucos o choque deixe de ser necessário, perdendo, assim, o efeito de comunicar e sensibilizar o horror. Nas palavras de Baudrillard,

[...] a miséria e a violência nos tocam ainda menos porque elas nos são significadas e mostradas abertamente. É a lei do imaginário. É preciso que a imagem nos toque por ela mesma, que ela nos imponha sua ilusão específica, sua língua original, para que algum conteúdo nos afete. Para que haja transferência afetiva sobre o real, é preciso haver contratransferência da imagem a estar concluída. Lamenta-se que o real tenha desaparecido sob o pretexto de que tudo passa pela imagem. (Baudrillard 2002: 148)

Mesmo a violência se tornando um costume e parte integrante da nossa cultura, os sobreviventes da Shoah não desistem de contar suas histórias, de narrar a intensa experiência cuja mente não foi capaz de assimilar. A lembrança latente e indesejada persiste obsessivamente, mesmo não havendo ligação consciente com a atualidade. O desejo de não querer lembrar e a incapacidade de esquecer se tornam ameaças constantes na mente do sobrevivente do

³ Cf. Baudrillard, J. “Entrevista”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 dez. 1987. Ilustrada, p. A-37.

Campo. Tudo lhes foi tirado, foram reduzidos a nada e ao inenarrável. Como Levi nos relata:

Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar essa ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubaram também nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, devemos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos. (Levi 1988: 32)

O testemunho de Levi nos leva a crer que, ao expor o horror, sua narrativa funciona como um dispositivo de autorreflexão e construção de subjetividades, onde os conceitos de verdade e mentira assumem o papel de meros coadjuvantes do processo construtivo do testemunho. Essa busca constante de uma memória que se recusa a lembrar com exatidão, faz com que o testemunho do sobrevivente se distancie, de certa forma, da possibilidade do real. É nesse labirinto de idas e vindas da memória que o testemunho se constrói. O que nos parece, é que para se proteger do horror inenarrável, o sobrevivente do trauma procura manter certa distância das possibilidades de ressurreição do horror. Por isso, narra-se como se fosse necessário usar um filtro, uma espécie de lente que observa os fatos de um ângulo que ofereça certa proteção. A realidade passa a ser uma experiência cultural que precisa ser impulsionada constantemente pela singularidade de cada sobrevivente que narra o trauma fruto do campo de extermínio. Ademais, Giorgio Agamben aponta para algumas particularidades marcantes em Auschwitz.

Auschwitz marca o fim e a ruína de qualquer ética da dignidade e da adequação a uma norma. A vida nua, a que o homem foi reduzido, não exige nem se adapta a nada: ela própria é a única norma, é absolutamente imanente. E “o sentimento último de pertencimento à espécie” não pode ser, em nenhum caso, uma dignidade. (Agamben 2008: 76)

Por isso, o testemunho do sobrevivente do campo de morte é o resto de enunciações mórbidas e estranhas que contrapõem à ética e à dignidade. Um testemunho que se estabelece como resíduo macabro da sobrevivida, gerado a partir de memórias traumáticas, cujo resultado é a experiência e o seu vazio. É o horror inenarrável. É o inexplicável. É o desejo de esquecer o inesquecível.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levi faz do ofício de escrever uma necessidade e uma obrigação. Ele se torna escritor por acidente, vê na escrita uma forma de prestar serviço aos mortos e aos emudecidos. Aparentemente, sua obra nos mostra um escritor solitário,

melancólico, pouco carismático e de difícil sociabilidade. Incapaz de expressar espontaneamente o amor, o ódio ou a raiva. Um ser humano que parece não pertencer a lugar nenhum, cujas emoções constantemente suprimidas, delineiam suas memórias traumáticas. Um homem que parece temer a possibilidade do fracasso e suas próprias ambições. Um ser privado, reservado, deprimido, recluso em si mesmo e nos seus problemas pessoais. Porém, sua incessante busca por ouvintes parece não achar descanso.

Dar testemunho do horror se tornou para Levi algo imprescindível e o seu principal modo de vida. Ele resolve se despir através de seu testemunho para deixar um legado do que o homem é capaz de fazer a outro homem, tentando, como sobrevivente, manter uma aparência de sobrevivência. Levi nos mostra a força e a vantagem da narrativa em se expandir ao longo do tempo e em se aproximar da complexidade humana. Ele dá ao leitor o direito de se chocar com a atualidade de suas palavras. Nos mostra que, em momentos de profunda agonia, terror e medo, sentir-se nostálgico é, talvez, a única forma de escape da mente e do coração. A nostalgia é o resto que persiste em permanecer para ajudar no alívio da dor e trazer uma falsa esperança para aqueles cujo futuro se mostra opaco e vazio.

Seu intuito é fazer com que sua narrativa funcione como um documento histórico para a humanidade. Consequentemente, a extrema falta de dignidade e decência ilustra cada página de sua obra testemunhal. Porém, escreve consciente de que nem todos irão digerir um testemunho cujas palavras não são suficientes para contá-lo, pois sabe que não há como se adaptar ao que é absolutamente imanente. Como ele afirma: “bem sei que, contando isso, dificilmente seremos compreendidos, e talvez seja bom assim” (LEVI 1988: 25). Para aquele que sobreviveu a Auschwitz, ser aceito ou compreendido já não faz tanta importância, são fases passadas, etapas saturadas e desnecessárias na vida do sobrevivente do caos.

Ainda hoje é possível visitar e observar o campo de morte que foi estabelecido em Auschwitz. Um lugar que não formou ninguém, erguido apenas para destruir. Mesmo depois de décadas do fim de seu funcionamento, Auschwitz se estabelece como um marco da memória do horror. O campo de extermínio permanece para reafirmar o testemunho daqueles que sobreviveram e contam suas histórias, mas também, dos emudecidos e dos que se foram e cuja capacidade de enunciar-se, a tempo, se extinguiu. Mesmo assim, o vencido ganha voz no testemunho de Levi e nas narrativas dos que decidiram transplantar a dor da experiência do choque, dos quais os horrores ainda são incompreensíveis, mas cujas memórias insistem em permanecer e se estabelecer como o maior legado do horror na era das catástrofes.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. W. (1973), "Engagement". *Notas de Literatura*, Trad. Celeste Aída Galeão & Idalina Azevedo, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 51-71.
- AGAMBEN, G. (2008), *O que resta de Auschwitz. Homo sacer III*, Trad. bras. Selvino J. Assmann, São Paulo, Boitempo.
- BAUDRILLARD, J. (1991), *Simulacros e simulação*, Trad. Maria João da Costa Pereira, Lisboa, Relógio D'Água.
- BAUDRILLARD, J. (2002), *A troca impossível*, Trad. Cristina Lacerda e Teresa Dias, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- BENJAMIN, W. (2000), *Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas I*, Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo, Brasiliense.
- CARUTH, C. (1995), *Trauma: Explorations in Memory*, Baltimore, The Johns Hopkins UP.
- FOUCAULT, M. (1979), *A microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal.
- FOUCAULT, M. (2000), *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed., Segunda tiragem, São Paulo, Martins Fontes.
- LAUB, D. (1995), "Truth and testimony: the Process and the struggle". In: CARUTH, C. (org.), *Trauma. Explorations in memory*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 61-75.
- LE GOFF, J. (1994), *História e Memória*, São Paulo, UNICAMP.
- LEVI, P. (1998), *É isto um homem?* Trad. Luigi Del Re, Rio de Janeiro, Rocco.
- LEVI, P. (2004), *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*, Trad. Luiz Sérgio Henriques, 2 ed., São Paulo, Paz e Terra.
- MAYER, S. (1998), "Bearing Witness to the Holocaust: How the First Video Archive of Holocaust Testimonies Was Established" (set. 1998). Disponível em: <<http://www.holocausttestimonies.com/mainframe.htm>>. Acesso em: 13 Mar. 2016.
- MULLER, F. (2008), "Auschwitz e o Desafio da Representação", *Anuário de Literatura*, v. 13, n. 1, UFSC, 48-62.
- SELIGMANN-SILVA, M. (2013), "Ficção e imagem, verdade e história: sobre a poética dos rastros". *Dimensões*, v. 30, 17-51.
- SELIGMANN-SILVA, M. (2005), *O local da diferença: ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução*, São Paulo, Editora 34.
- SELIGMANN-SILVA, M. (2003), *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*, São Paulo, Editora da Unicamp.
- SELIGMANN-SILVA, M. (2008), Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia clínica*, v. 20, n.1, Rio de Janeiro, 65-82. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652008000100005&script=sci_arttext. Acesso em: 21 Mar. 2016.